

EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO COM IDOSOS A PARTIR DE SEUS SABERES VIVENCIAIS

Flávia Peruzzo Schwabenland¹

Carlos Roberto Schwabenland²

Resumo

O objetivo desta pesquisa é refletir acerca dos saberes vivenciais de Idosos que frequentam a EJA na Zona Rural do Município de Concórdia SC. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica. Inicialmente faz-se uma discussão da pesquisa etnográfica enquanto um método, que permite o adentramento nas experiências culturais e vivenciais destes Idosos que ao relatarem as memórias de seus saberes, acumulados em suas vivências, refletem sobre suas próprias histórias e ao confrontar com sua realidade atual, ressignificam seus próprios saberes. A contribuição desta pesquisa está na discussão metodológica das práticas pedagógicas da EJA destinada a Idosos que tem como princípio fundamental os conhecimentos cotidianos que os Idosos acumularam ao longo de suas experiências.

Palavras-chave: Idosos, Saberes Vivenciais.

LITERACY EXPERIENCE WITH ELDERLY FROM YOUR KNOWLEDGE EXPERIENTIAL

Abstract

The goal of this research is to reflect on the experiential knowledge of Seniors who attend adult education in Rural Municipality of Concordia SC. The methodology used was ethnographic research. Initially it is a discussion of ethnographic research as a method that allows the indentation in cultural experiences and experiential these Senior citizens who reported memories of their knowledge, accumulated in their experiences, reflect on their own stories and to confront their current reality , reframe their own knowledge. The contribution of this research is the methodological discussion of the practices of adult education aimed at Seniors whose fundamental principle that knowledge everyday Seniors accumulated throughout their experiences.

Keywords: Elderly, Knowledge Workshops.

¹ FURB – Universidade Regional de Blumenau, Rua Marechal Deodoro 1136 – Ap. 403, Cep:89700-000, Concórdia-SC, email.: flavia_eja@yahoo.com.br;

² UNOPAR – Universidade Norte do Paraná, Rua Marechal Deodoro 1136 – Ap. 403, Cep:89700-000, Concórdia-SC, email.:crosroberto@gmail.com

O Brasil, assim como a maioria dos países vive um momento de envelhecimento populacional. A expectativa para o ano 2025 é que exista um contingente de aproximadamente 32 milhões de Idosos no Brasil, sendo que nesta perspectiva ocupará o sexto lugar no mundo em população idosa (IBGE, 2010). Esta realidade evidencia a relevância dos estudos acerca da velhice, não só pelo seu crescimento numérico, mas, sobretudo pela melhoria do nível de vida desse segmento da população, que exige serviços especializados para melhor atender estas demandas.

Segundo o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, “são considerados Idosos as pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos”. No entanto, o que se percebeu através do contato constante no processo desta pesquisa com os chamados de Idosos, é de que o envelhecimento acontece de forma diferente para cada pessoa. Enquanto para alguns o passar dos anos é motivo de angústia e proximidade da morte, para outros tantos, é sinônimo de tranquilidade e bem viver. Pode-se dizer então, que não se ‘fica’ Idoso em uma idade específica. É uma questão de experiência da existência.

O público desta pesquisa são os Idosos, nomenclatura por eles mesmos escolhida, e que está de acordo com as categorias públicas de caracterizar este segmento da população. Para melhor situar o leitor, o grupo abarcado por esta pesquisa, um total de 30 pessoas, são de diferentes idades, porém na sua maioria acima de 60 anos. Somente 4 pessoas entre 50 e 58 anos e os demais variam respectivamente; 20 estão entre 60 e 70 anos; 5 entre 70 e 80 anos e 1 pessoa acima de 90 anos; sendo eles, 9 homens e 21 mulheres. A opção em referir-se ao grupo de educandos como ‘Idosos’, originou-se também, no fato de eles aliarem o grupo de estudos da EJA ao grupo de Idosos, com fins de lazer e cultura que já existia na comunidade. O grupo de Idosos faz parte de uma organização da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Bem-Estar Social. Eles se encontram toda última segunda-feira de cada mês para almoço festivo, roda da fortuna, bingo, carteados e música.

Metodologicamente a pesquisa buscou coletar dados acerca dos **Saberes Vivenciais** dos 30 educandos Idosos que frequentam o Programa de Alfabetização da EJA, todos residentes nas comunidades de Linha Schiavini e Lageado Quintino – Zona Rural do Município de Concórdia – SC. Também se coletaram informações com alguns de seus familiares. Para tanto, utilizou-se da pesquisa inspirada na etnografia, realizada em diversos locais de participação destes Idosos: festas comunitárias, rituais religiosos, ambiente familiar (seus lares) em trabalhos domésticos, agricultura e na ‘lida’ com os animais. Os

instrumentos da coleta foram observação participante³, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e captura de imagens.

A pesquisa teve o intuito de dar visibilidade aos saberes vivenciais que os Idosos pesquisados construíram e acumularam ao longo de suas vidas. Além disso, o artigo também discute as representações dos Idosos sobre a escola e seus processos de educação, após retornarem aos estudos, bem como as transformações que a convivência com o grupo escolar oportunizou em relação à vida familiar e suas expectativas em relação ao futuro. O espaço da sala de aula, assim como as práticas pedagógicas e metodologias não serão abordadas neste estudo. No entanto, serão discutidas algumas questões que se desvelam sobre a escolarização, no que dizem os Educandos Idosos sobre as práticas escolares, a partir de sua visão.

Ao falar em 'saberes vivenciais', abre-se um leque de abordagens que vão muito além do que esta pesquisa consegue abarcar. No entanto, nesta pesquisa, entendemos por saberes vivenciais os saberes adquiridos pelas experiências vividas. No foco específico desta pesquisa, referem-se aos saberes que os Idosos que frequentam este espaço educativo, acumularam ao longo de suas vidas, tais como manejo do solo, criação de animais, preparação e conservação das carnes, cuidados com a saúde, além de questões sobre administração financeira na propriedade rural e peculiaridades da produção agrícola de subsistência da região pesquisada.

O primeiro passo deste estudo foi fazer uma pesquisa bibliográfica para buscar conceitos de algumas especificidades do interesse, tais como: saberes vivenciais, locais, cotidianos e pesquisa etnográfica.

Posteriormente, constatamos que, o fato de termos convivência histórica de envolvimento direto com a comunidade pesquisada, seria possível e elementar desenvolvermos a pesquisa etnográfica como forma de observar e sistematizar os elementos constituintes dos saberes cotidianos destes idosos.

Uma vez pesquisados e categorizados, estes saberes são parte integrante, fundamental e indispensável da organização curricular desta proposta para além da sala de aula. Consideram-se saberes cotidianos, todos os tipos de conhecimentos que estes Idosos

³ Sou filha de um casal de Idosos do grupo pesquisado, dei aulas para esse grupo, minha irmã também foi professora do grupo. Praticamente toda minha vida desenvolveu-se no contexto desta comunidade. Desde pequena ia para o trabalho na lavoura, frequentei a escola da comunidade, cresci ajudando a família na agricultura familiar.

acumularam ao longo de suas vidas, tais como: épocas e formas de plantio da lavoura, criação de animais e manufatura de produtos derivados destes, calendário religioso e festas da comunidade, histórias antigas, rodas de violão, cultivo e utilização de chás, rotatividade de culturas e formas de subsistência domiciliar, a organização das atividades do lar, entre outros.

Para melhor compreendermos a dinâmica deste trabalho, faz-se necessário trazer presente neste artigo alguns elementos que conceituam a pesquisa etnográfica, bem como os motivos da escolha desta modalidade de pesquisa. Percebe-se então, que é de consenso que a etnografia descreve a cultura, o jeito de viver e relacionar-se de um grupo específico de pessoas; sujeitos a serem pesquisados, nesta ocasião – os idosos que buscam reinserção social a partir dos conhecimentos sistematizados historicamente.

A pesquisa etnográfica é também conhecida como pesquisa participante, pesquisa social, pesquisa analítica, enfim, são vários os sinônimos atribuídos a esta modalidade de pesquisa, que se origina na antropologia e tem como fundamental proposição a descrição, a interpretação e/ou a explicação acerca do que as pessoas fazem em um determinado espaço, ambiente ou ainda em uma comunidade.

A peculiaridade deste método de investigação está no estudo, na conversa e na observação por um longo e significativo período de tempo; sempre identificados por algo em comum. Este tempo se faz necessário para que o pesquisador possa compreender e convalidar o significado das ações dos pesquisados, objetivando que este seja o mais ilustrativo possível das respostas esperadas. Esta pesquisa pode constituir-se pela participação de poucos ou muitos componentes. Por exemplo: uma comunidade, uma vila, uma escola, um asilo, um presídio, um hospital.

A etnografia fundamenta seus estudos predominantemente nos padrões comuns e previsíveis do comportamento e pensamento humano, evidenciados nas suas rotinas diárias; preocupa-se ainda, com fatos que se manifestam em determinado contexto específico.

Para Geertz (1978), praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar personagens informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário; “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa para uma descrição densa” (GEERTZ, 1978, p. 15). Entretanto, isto não significa que se devam abandonar os elementos acima citados; ao contrário, a descrição, o mapeamento, o diário de campo e as

quantificações utilizadas de maneira sensível serão relevantes e indispensáveis para a análise etnográfica.

Ao se tratar de uma pesquisa do tipo etnográfica, as entrevistas podem assemelhar-se a uma conversa informal, sendo que a intenção é ouvir sobre situações da vida cotidiana. Portanto, nesta abordagem de pesquisa, não existem receitas prontas de instrumentos de coleta de dados. O próprio pesquisador é 'recolhedor' e 'interpretador' das informações coletadas. Por isso da importância de não só estar com o objeto pesquisado, mas ser também parte deste.

É muito comum estar em debate nas salas de professores e em outros espaços educacionais, o famoso chavão 'partir da realidade' e que está diretamente envolvido com os 'saberes cotidianos'. Ressalta-se o fato de que ambos constituem-se como uma estrada de mão dupla, que ao mesmo tempo em que podem estes saberes cotidianos serem uma forma de potencializar a apropriação de outros conhecimentos, podem também significar uma captura forçada para escolarizá-los. Desta forma, seríamos induzidos a ignorar o percurso de construção histórica dos mesmos, bem como os sujeitos históricos que produziram tais saberes por intermédio de suas vivências. Para Freire (1996);

Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.

Assim sendo, como identificar e valorizar a "leitura de mundo" e os saberes cotidianos dos idosos na produção do conhecimento escolarizado, sem reduzi-los a meros instrumentos de procedimentos didáticos de escolarização? E ainda, como estes saberes adentram nestes espaços? Não há como responder com exatidão a essa pergunta, mas é possível que se trate de uma articulação entre cultura popular e currículo escolar. Para Foucault:

[...] não se trata de forma alguma de desqualificar o especulativo para lhe opor, na forma de um cientificismo qualquer, o rigor dos conhecimentos bem estabelecidos... Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um

conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. (FOUCAULT, 1999, p. 13).

A partir disso, configura-se a ideia de que é possível dirigir nossas ações educativas aos saberes cotidianos dos Idosos, sem minimizá-los ou simplesmente tentar escolarizá-los. Também Freire (1996, p. 30), reforça a ideia de integrar a prática pedagógica aos saberes vivenciais dos educandos, “por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Percebe-se assim, que problematizar os saberes cotidianos pode ser um caminho potencializador para desenvolver outras aprendizagens com os Idosos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos. A valorização dos saberes vivenciais, considerando a forma com que estes Idosos aprendem, suas características peculiares e jeitos próprios de ser e de viver, exigem outras formas de interação e apropriação dos saberes que ainda lhes são estranhos ou distantes.

UM POUCO, DO MUITO QUE SABEM ESTES IDOSOS

Neste item teremos a difícil tarefa de intensificar o desvelamento de alguns ‘poucos’, diante dos ‘muitos’, saberes que estes Idosos acumularam ao longo de suas vidas.

As falas e as imagens fotográficas a seguir buscarão dar conta de algumas peculiaridades da tradição rural regionalizada, que talvez muitos não conheçam. Nesta etapa da pesquisa, a imagem fotográfica teve fundamental importância para o registro dos saberes vivenciais. Segundo Leite (1993) a imagem nos dá a possibilidade, através da dedução e síntese, de obter informações que não se encontram explicitamente visíveis. Após uma leitura inicial, em uma espécie de identificação, a imagem fotográfica permite a interpretação, que resulta de um esforço de análise, dedução e comparação. Para Essus, “a imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material, de um determinado tempo do passado, que a mais detalhada descrição verbal não daria conta” (ESSUS, 1995, p.25).

Entende-se assim que, mesmo com certa subjetividade quanto aos significados, a fotografia é sempre uma imagem que representa ‘alguma coisa’, além de que,

tudo o que se consegue ver, parece estar ao nosso alcance, ao menos, diante do olhar de quem enxerga. Resumindo as palavras de Bittencourt (1998), as imagens fotográficas retratam a história visual de uma época, uma sociedade, mostram estilos de vida, documentam situações e gestos. As falas e as imagens muitas vezes se entrelaçam.

*A gente planta porungo pra fazer cuia pra chimarrão. Nós não vendemos a gente dá pros vizinhos e pra quem vem aqui buscar. [...] A época de plantar o porungo é em Julho, Agosto e Setembro e a colheita se faz em Janeiro quando o porungo já está ficando maduro. Daí a gente seca ele na sombra e vira todo dia pra ele não retorcer. Mas também dá pra deixá ele secá na roça e colher lá pelo mês de maio. Depois de seco, a gente corta o Porungo na parte de cima e faz a cuia com a bunda do Porungo. Só tirar o bagaço e deixar curtir por uns dois meses na sombra. Queimar com água quente, colocar a erva-mate e tomar o chimarrão. A gente toma todos os dias e várias vezes ao dia.*⁴



Porungos Secando na Varanda da Família Balena

Este saber peculiar que a família Balena tem, ao falar seguramente do cultivo do porungo é sem dúvida um saber particular, regional e vivencial. Em sua realidade regionalizada a população desta região chama de porungo, porém em bibliografias encontra-se o nome também como porungo ou cabaça. Carlos Rodrigues Brandão (2005, p.27) diz que “o que se descobre com o levantamento não são homens-objetos, nem é uma realidade neutra. São os pensamentos-linguagens das pessoas. São falas que, a seu modo, desvelam o mundo”.

⁴ Telmo Balena - Esposo de Educanda - 60 anos - morador da Comunidade de Lageado Quintino - Entrevistado em 23/12/2011.

Ainda falando sobre o cultivo do porungo, percebe-se que é um saber de uso local, pois cultivam a planta para fazerem suas cuias de forma artesanal, podendo, assim, saborear seu chimarrão. Todas as famílias visitadas possuem o hábito de tomar chimarrão. Ao chegar uma visita na casa a primeira atitude que possuem é convidar a entrar e oferecer um chimarrão.

Segundo Lessa (1977), a palavra chimarrão tem sua origem no vocabulário espanhol e depois português. No espanhol “cimarrón”, significa chucro, bruto; vocábulo utilizado em quase toda a América Latina, para chamar os animais que não eram domesticados, ou seja, selvagens. A palavra ‘chimarrão’ foi também empregada pelos colonizadores para designar aquela bebida amarga e rude tomada somente com erva verde e amarga, sem adição de nenhum outro ingrediente para suavizar o amargor selvagem. Ainda segundo o livro de Lessa (1977), uma roda de chimarrão é motivo de descontração, fazendo parte de um ritual indispensável e insubstituível para unir gerações. Pode-se dizer que o chimarrão é uma espécie de aconchego, é o costume que passa de ‘mão – em – mão’ e mantém acesa a chama da tradição e do afeto.

Há, ainda segundo o mesmo autor, três circunstâncias para tomar o chimarrão: sozinho, em parceria ou em uma roda. O chimarrão ‘solito’ é para o homem que não precisa de estímulo maior para chimarrear, do que sua própria vontade. Ao contrário do chimarrão de parceria, em que a pessoa espera por um ou dois companheiros para tomar chimarrão e trocar ideias. Porém é na roda que esta tradição conquistou seu maior espaço, reunindo muitas pessoas em torno de uma mesma ação: chimarrear. Nas fotos abaixo, feitas por ocasião da primeira entrevista, observam-se as três circunstâncias vivenciadas com a cuia de chimarrão.



Imagens da visita às famílias dos educandos, ressaltando o hábito do chimarrão

Outra habilidade dos pequenos agricultores diz respeito ao uso da tração animal, como um auxílio indispensável nas pequenas propriedades rurais. É necessário amansar o animal, desde pequeno. Treiná-lo, habituá-lo ao trabalho: puxar a carroça, em juntas de dois bois, puxar o arado, em juntas ou um boi sozinho, em meio à plantação. Este é um saber que é repassado de geração em geração. Nos últimos anos, a maioria dos bois foram substituídos por tratores em muitos lugares. Mas ainda há bastante gente, nesta região, treinando animais.

Amansamos os boizinhos, pra fazer as juntas, eles servem para arar a terra e puxar a carroça. [...] Pra amansar eles tem que ser bem devagarinho e quando ainda são pequenos. A gente coloca eles um do lado do outro e coloca no pescoço dos dois uma canga, que é de madeira, pra juntar um boi no outro, depois coloca o canzil e a brocha, que servem para segurar a canga no pescoço deles. Na frente vai uma pessoa puxando os boizinhos até eles se acostumarem com a presença de uma pessoa. Aqui em casa já é meu guri que faz isso, ele tem 12 anos. Pra eles se acostumarem e ficarem mansos tem que pegar eles todos os dias, durante uns três meses, e se deixar um dia sem pegar eles já se esquecem. Depois de mansos daí podem ficar até uns dias que já não desacostumam mais.⁵

⁵ Educando Jandir Pansera - 50 anos - morador da Comunidade de Linha Schiavini - Entrevistado em 28/12/2011.



Amansando Bois na casa do casal de Educandos Jandir e Margarete Pansera.

Utilizar tração animal é uma técnica elementar para as famílias que vivem da agricultura familiar. Utilizam-se das “juntas de bois” para puxar a carroça no transporte da produção e para arar a terra na época do plantio. A mecanização das terras chegou para grande parte dos agricultores, mas não para estes agricultores pesquisados. São fatores como as características do terreno acidentado e o valor monetário dos equipamentos mecanizados que inviabilizaram algumas ‘modernizações’ a estes agricultores.

“[...] Aqui em casa a gente usa vassoura de rabo de bugio pra varrer o pátio, mas é bem difícil de encontrar; não se cria mais esta planta. [...] Acho que é por que passam veneno e daí como é uma planta delicada, ela não nasce mais.”⁶

⁶ Telmo Balena - Esposo de Educanda - 60 anos - morador da Comunidade de Lageado Quintino - Entrevistado em 23/12/2011.



Figura 1 - Vassoura de Rabo de Bugio.

Os rudimentos da agricultura familiar estão evidentes nesta região, porém quase inexistente no Brasil. São famílias que praticam a policultura, cultivando e produzindo quase tudo o que necessitam para a manutenção da vida. Usam materiais disponíveis em seu entorno para sobreviver, como a tradição histórica da vassoura, que não se encontra em livros, mas que se cultiva ao que se sabe dos depoimentos dos Idosos, desde que os primeiros habitantes caboclos moravam na região. Seus conhecimentos não são formalizados em modelos abstratos e universalizados. São conhecimentos advindos da tradição, da intuição e da dimensão pragmática. Mas todos estão embebidos pela vivência, pela estética corporal, pela vida afetiva consigo, com os outros e com o mundo. Os elementos que compõem seus conhecimentos estão unidos à própria vida, ao sentido da existência. Há um volume de conhecimentos “intuitivos”, praticados “de cabeça”, sobre cálculo, localização, espaço, clima, rentabilidade, necessidades presentes e futuras.

Na hora do plantio o agricultor, com sua família, precisa saber quanto arroz vai precisar nos próximos doze ou quinze meses, quanto plantar para chegar ao que precisa, condições de clima, solo, intempéries, etc., da produtividade específica de sua região.

Ao construir sua casa, essas pessoas têm conhecimentos bastante preciso sobre a qualidade e as propriedades específicas dos materiais a serem usados (engenharia civil), as dimensões, as proporções, as grandezas e distâncias (geometria, matemática, arquitetura, etc), os custos, como, quando, onde e quanto material é preciso para a construção de sua própria moradia (economia, administração, finanças, etc.).



Casa construída pelos próprios Educandos.⁷

Para Foucault (1999), estes são “saber das pessoas”, e que não são saberes comuns, são sim saberes particulares, singulares, locais, regionais e diferenciados, o que os fazem serem peculiares e estarem longe da unanimidade. Imagens abaixo dão conta de algumas peculiaridades encontradas nas propriedades rurais das famílias pesquisadas, que os faz serem originais nas suas formas de ‘experimentação’ e ‘produção’ de saberes vivenciais, que não são unânimes.

⁷ Casa da família Balena na Comunidade de Lageado Quintino. Imagem feita em 23/12/2011.



Réstia de Alho.



Réstia de Cebola.



Secagem de Bucha Vegetal (esponja).



Secagem de Sorgo -Vassoura.



Cesto feito com bambu.



Queijos Secando no porão da casa.



Organização da Propriedade.



Embelezamento da Propriedade.

Os **Saberes Vivenciais** não são, portanto, estáticos ou abstratos. Ao contrário, se transformam continuamente a partir dos experimentos diários. O que deu certo se conserva e se ensina e o que não deu certo se deixa de lado. É assim que fazem e fazem estes Idosos com seus conhecimentos.

Estes saberes são renovados na vida cotidiana das pessoas e das comunidades em que vivem, sendo reafirmados para a manutenção de uma identidade individual ou coletiva.

A operacionalização deste currículo, pensado a partir dos conhecimentos cotidianos, compõe-se também por um curso básico organizado em horários de estudos dirigidos com profissionais da educação. Este curso básico consiste nas atividades desenvolvidas no centro comunitário, onde este grupo de idosos tem sua sede, através do agrupamento de disciplinas afins, num percurso formativo interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento.

Os conteúdos do Curso Básico são distribuídos em 4 grandes áreas de conhecimento, ou seja, os alunos frequentam os estudos dirigidos em 4 turnos da semana, durante 3 horas em cada turno, por um período de 2 anos letivos. Os Idosos que concluírem o curso recebem a certificação do Ensino Fundamental.

As grandes áreas do conhecimento que compreendem os estudos dirigidos curriculares são: Ciências Sociais (História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Atualidades e Leis Trabalhistas); Ciências Naturais e Exatas (Ciências, Matemática, noções de Física e de Química); Linguagem e Expressão (Língua Portuguesa e Estrangeira – Língua Espanhola); Diversificadas (Expressão Oral e Corporal, Esportes Coletivos, Literatura Dramatizada, Artesanato, Culinária, Produção Orgânica, Reaproveitamento e cuidados com Alimentos, entre outros) e Laboratórios Culturais que consistem em atividades em que os alunos expandem o espaço de aprendizagem, participando, de feiras de livros, exposições de artes, teatro, cinema, visitas a bibliotecas, câmara de vereadores, museus, experiências e afins. Ressalta-se que estes estudos dirigidos são sempre orientados pelos conhecimentos prévios, os saberes cotidianos, que estarão sempre permeando todas as atividades realizadas.

No que se refere aos saberes cotidianos, é comum ouvir nos espaços educativos formais ou informais a expressão: saberes ordinários – aqueles que dizem da ordem do dia ou do dia a dia. Também não são raras as vezes que estas expressões sobre os saberes cotidianos aparecem carregadas de insinuações pejorativas ou utilizadas como

frases de efeito nos discursos, apenas para não ficarem de fora do modismo educacional. Entretanto, há uma positividade nos saberes cotidianos quando estes são vistos como significativos e expressivos; indispensáveis em qualquer que seja o contexto: vivencial ou escolar.

Os saberes decorrentes do cotidiano se apresentam, em primeiro lugar, como incomparáveis e irrefutáveis, por estarem arraigados nas significações concretas da vida coletiva e formarem o corpo cultural da sociedade. Trazem a garantia do sucesso nas ações do dia-a-dia, a habitualidade facilitadora da vida coletiva, a homogeneização do modo de vida e a organicidade das estruturas sociais. Entretanto, a tendência de continuidade inerente aos saberes cotidianos é contestada, na sociedade atual, pela necessidade de serem continuamente repensados e modificados pelas conquistas históricas do conhecimento científico e da tecnologia, que interferem no cotidiano dos grupos sociais e que são por eles incorporadas. Assim, estão sempre sujeitos ao movimento e às transformações históricas das ciências, das culturas e dos valores sociais. (NETO; CARVALHO, 2007, p. 24).

Nesta ótica há que se considerar que as práticas pedagógicas, e aqui falando dos idosos que neste caso estudam no espaço comunitário, ou seja, fora da instituição escolar, necessariamente devem utilizar-se da realidade como ponto de partida para ensinar e aprender. Conhecer as rotinas do cotidiano destes idosos e de suas comunidades é fator primordial na promoção de um exercício sistemático e científico sobre o próprio pensamento, muitas vezes visando modificar ou melhorar a realidade local em que estes estão inseridos.

Os saberes cotidianos produzidos e alimentados nos diversos lugares são caracterizados por Cássio E. Viana Hissa (2008, p. 8) como: *comuns* - Comum: o que é corriqueiro, costumeiro, e que está inserido nas rotinas e vivências das pessoas e das comunidades. O que é 'comum' é constante, naturalmente construído, ou seja, contrasta-se ao que é excepcional e raro. Pode também referir-se ao comum, como sendo banal, conhecido, frequente e trivial. No entanto, o que soa como óbvio em nossos saberes é cheio de experiência, de vivência e de existência. Saberes estes, construídos e solidificados a partir de diferentes jeitos de olhar o mundo. Frutos das expressões, manifestações sociais e culturais das pessoas atentas e interpretativas.

Desta forma, é possível e necessário compreender o mundo a partir das leituras e interpretações feitas pelos saberes cotidianos locais. Estes saberes não surgem do nada, nem ao acaso. Eles são constituídos e o modo de seu aparecimento deve-se ao fato de

serem construídos historicamente pelas experiências cotidianas das pessoas e das comunidades, nos quais as pessoas se identificam e se fundamentam, ou seja, nos saberes do dia a dia em suas relações.

Os saberes peculiares, inerentes aos lugares, carregam diferentes imagens e visões, que ultrapassam os saberes do currículo formal. São saberes que remetem aos laços afetivos, carregados de experiências e histórias individuais que poderão interferir de forma evidente nas relações comunitárias.

Os saberes cotidianos, comumente marginalizados pela sociedade científica, são na realidade, protagonistas no cotidiano das experiências vivenciais de uma comunidade. Mesmo assim, é tarefa difícil perceber e apreender a materialidade destes conhecimentos que são ocultados e silenciados constantemente pelos 'detentores' das dinâmicas de relações sociais.

Para que se transforme o silêncio em voz e os saberes cotidianos sejam respeitados e saiam do anonimato, é necessário romper com as hierarquias de poder, e estabelecer um diálogo aberto, consistente e de mesmo peso entre os diferentes saberes existentes. Sendo assim, todos os saberes, sejam eles vivenciais, locais ou escolares são protagonistas atuantes.

Nesta nossa perspectiva o ato de ensinar vai além ao de dar aula, além 'da sala de aula' e muito além de transmissão de conteúdos. Torna-se necessário um processo contínuo de ação/reflexão a partir de dinâmicas e diálogos educacionais. A relação do espaço educativo formal ou informal, nesta concepção, tem como ação metodológica a dialética, a horizontalidade, a problematização e a significação do conhecimento, seja ele escolar ou vivencial.

Aproximando-se das reflexões finais, chamamos a atenção em especial para o cuidado que é necessário ter com os saberes cotidianos dos Idosos ou da sua comunidade, para que não sejam 'pescados' apenas como 'iscas' apropriadas para a apreensão dos saberes escolares. Outro aspecto desta mesma ótica a considerar-se é sobre o que entendemos por cotidiano. Disse Certeau (1996) que:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior.

É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. “Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como diz ainda: O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.

É nesta busca do invisível no cotidiano que se pode perceber seus significados e sua importância na dinamização dos novos saberes a serem apreendidos. É possível também perceber que é no desvelamento do cotidiano que se percebem as crenças, inteligências e as diferentes habilidades de ensinar e aprender. O que mobiliza os saberes, os sujeitos e o mundo são os questionamentos e conflitos e por isso os indicativos é que estejamos atentos às mudanças que sempre estarão transitando e perpetuando no meio do caminho. Os questionamentos nos abrem trajetórias e nos dão respostas, mas também nos direcionam a novas perguntas.

As respostas terão sempre um tom provisório e serão sempre buscas constantes e insaciáveis. É possível conformar-se com a acomodação educacional e ficar diariamente ouvindo quem são os supostos culpados por tal crise? O movimento de transformação social ressuscita dessa crise. No entanto, essa condição, não garante por si só a busca pela transformação. Os paradigmas da sociedade moderna são persistentes. Como diria Hissa (2002) “A velha ordem ainda prevalece diante de novos apelos”.

Não existem receitas prontas de como transformar a sociedade. Pode-se dizer ainda que a situação de crise estimula críticas e reflexões sobre os aspectos de caráter cotidiano, saberes e sem dúvida da própria existência. É possível crer que ainda há lugares em que as pessoas podem dialogar e viver sua espontaneidade.

Por isso, pensar o currículo nesta perspectiva para além da sala de aula, significa assumir compromissos essenciais, sendo eles: moral - especialmente com as pessoas hoje Idosas, que historicamente foram privadas de um dos processos de educação - o escolar e essencialmente o compromisso social com a intervenção acerca das várias formas de exclusão pedagógica e com os ‘esquecidos’ deste processo.

Que possamos nos sentir convocados para esta empreitada e buscar a partir de uma educação séria, humana e de qualidade, motivos para assim como nosso Mestre Paulo Freire (1996) dizia: “acreditar que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão”. E, que possamos ainda a partir deste ensaio

experimental afirmar que é possível e necessário pensar e praticar um currículo para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. ***Algumas Considerações Sobre o Uso da Imagem Fotográfica na Pesquisa Antropológica***. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. Moreira (orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. ***O que é método Paulo Freire***. São Paulo: 1981 – 26ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos).

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: ***A invenção do Cotidiano***: 2. Morar e Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. ***Através da Imagem: Possibilidades Teórico-metodológicas para a Análise de Fotografias como Fonte Histórica***. In: Anais do Seminário Pedagogia da Imagem. Universidade Federal Fluminense: Faculdade de Educação, junho de 1995.

FOUCAULT, Michel. ***Em defesa da sociedade***: Curso no Collège de France (1975-1976), (Tradução de Maria Ermantina Galvão). S P: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa***. Coleção Saberes. 36ª ed. SP: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. ***A interpretação das Culturas***. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1978.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. ***Saberes Ambientais: Desafios Para o Conhecimento Disciplinar***. BH: UFMG, 2008.

_____. ***A Mobilidade das Fronteiras: Inserções da Geografia na Crise da Modernidade***. BH: UFMG, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE, 2010). ***Perfil dos Idosos Responsáveis Pelos Domicílios no Brasil***. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/default.sht> Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família: Leitura de Fotografia Histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. – (Texto & Arte; vol. 9).

LESSA, Luiz Carlos Barbosa – **História do Chimarrão**. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 1977.

NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Conhecimento: Conhecimento e Crítica**. 7ª ed. SP: Cortez, 2007.